

Quem somos nós?

por *Paulo Faitanin* - UFF



1. Ficha Técnica: Título Original: What the Bleep Do We Know? Gênero: Drama; Tempo de Duração: 109 minutos; Ano de Lançamento (EUA): 2004; Site Oficial: www.whatthebleep.com Estúdio: Lord of the Wind; Distribuição: Samuel Goldwyn Films LLC / PlayArte; Direção: William Arntz, Betsy Chasse e Mark Vicente; Roteiro: William Arntz, Betsy Chasse e Matthew Hoffman; Produção: William Arntz e Betsy Chasse; Música: Christopher Franke e Michael Whalen; Fotografia:

David Bridges e Mark Vicente; Desenho de Produção: Nava Figurino; Ronald Leamon; Edição: Jonathan P. Shaw; Efeitos Especiais: Mr. X Inc. / Lost Boys Studios / Atomic Visual Effects. Elenco: Marlee Matlin (Amanda); Elaine Hendrix (Jennifer) Barry Newman (Frank); Robert Bailey Jr. (Reggie); John Ross Bowie (Elliot); Robert Blanche (Bob); Armin Shimerman (Homem no metrô); David Albert; Casper Van Dien.

2. Sinopse: Amanda (Marlee Matlin) está numa fantástica experiência ao estilo "Alice no País das Maravilhas" enquanto seu monótono cotidiano começa a se desmanchar. Esta situação revela o incerto mundo escondido por trás daquilo que se costuma considerar realidade. Amanda mergulha num turbilhão de ocorrências caóticas que revelam um profundo e oculto conhecimento do real. Ela entra em crise e questiona o sentido da existência humana.

3. Análise: A Física, a Química, a Matemática não darão conta de responder àquelas perguntas fundamentais subjacentes à busca do sentido da existência humana: Quem sou eu? De onde vim? E para onde vou? Estas questões exigem respostas para além do que podem oferecer aquelas ciências. Não se trata de dizer que sou um composto orgânico originado de uma sopa cósmica, composto e recomposto sucessivamente ao longo dos séculos, cujo fim é sempre o retorno, por dissolução, a uma matéria elementar do cosmos, na medida em que em cada composição e dissolução, fortalece e expande é a consciência que toma ares de totalizante e que, em última instância, daria sentido às existências individuais. Não se estaria substituindo Deus por tal consciência? E isso marca mais um regresso do que um progresso, pois ao menos Deus é ser pessoal espiritual, que não se confunde com a matéria. Divinizar a matéria é mais absurdo do que conceber um Deus transcendente à

matéria. Estas mesmas ciências deram, ao longo dos séculos, sucessivas provas da finitude, contingência e limitação da matéria. De repente, de uma hora para outra, ideologias filosóficas (gnose, nova era, cienciologia, teosofia, e outras) fazem parecer que estão de acordo com ciência - quando de fato não estão - para dar o ar de que o que professam está fundamentado na ciência. Adentram abruptamente pela porta da pseudo-ciência e sugerem divinizar o que a verdadeira ciência tratou de contingenciar. De fato, aquelas perguntas são filosóficas, mas as propostas de respostas apresentadas por diferentes autoridades científicas, não passam de respostas hipotéticas que vão além do campo de comprovação da própria ciência e, por isso, soam como respostas evasivas e não dão conta de ir ao essencial da existência humana. A existência humana não é estatística, nem a probabilidade matemática da fecundação de um óvulo e nem mesmo uma predeterminação bioquímica da natureza. Não se explica pela estatística probabilística a existência humana. Mas isso não significa dizer que a Filosofia dará conta sozinha de respondê-las. São efetivamente perguntas filosóficas, porém que transcendem o âmbito da pura análise de espaço e do tempo. Numa sucessão veloz de informações, que inibe aos menos propícios a este tipo de exposição, o telespectador que assiste a este documentário se sente motivado a tecer conjectura acerca da plausibilidade da incoerência do que se apresenta - para não dizer contradição - como resposta científica dada por autoridades que tecem mais opiniões do que raciocínios filosóficos ou científicos. Nem mesmo de filosofia poderíamos chamar tais conjecturas. A sutileza da contradição e do antagonismo das teses apresentadas tenta tecer um fio de coerência com o intuito de induzir quem assiste à idéia de que algo grandioso está sendo apresentado, quando não muito se trata da velha questão filosófica que permeia há séculos os diálogos e obras filosóficas e que permanece sem resposta se não for buscada no transcendente: qual o sentido da existência humana? Criticado pela representatividade científica e filosófica com um documentário de auto-ajuda pseudocientífico, esta produção apresenta, ao menos, um conjunto de imagens interessantes, que ganham maior vigor quando não se escuta a narrativa de fundo.